



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 9, v. I | maio.-out. 2018

p. 313-323.

# Leitura *queer*: um ato de resistência e alteridade

João Pedro Wizniewsky Amaral<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir a importância do ensino/aprendizagem da leitura como processo de formação do cidadão. Entendo aqui por leitura um processo comunicacional que vai além de apenas decodificar signos linguísticos; ele é basicamente um dialogismo entre vozes, e ainda, um exercício de alteridade. Desse modo, ler é uma atividade *sociocultural*. A partir da tradição educacional da formação de leitores, no artigo, resalto ainda a importância de *ler como uma mulher*, a partir das teorias de Jonathan Culler (1998), e de *ler como uma lésbica*, a partir de pesquisas de Tania Navarro-Swain (2000), Adrienne Rich (2010) e Monique Wittig (1980). Proponho, por fim, que a formação do leitor deve ser feita através de uma pedagogia que abranja uma leitura *queer*. Em outras palavras, ler de forma *queer* é um ato de estranhamento necessário, bem como de acolhimento e de diálogo. Assim, a leitura *queer* é um ato de resistência e de alteridade, princípios norteadores e inerentes de todo e qualquer processo de leitura que se pretenda inclusivo e democrático.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura; leitura *queer*; teoria *queer*.

**Abstract:** This article aims to discuss the importance of teaching/learning reading process as a personal and social improvement. I understand “reading” as a communication process that goes beyond just decoding linguistic signs; it is a dialogue and an exercise of alterity. Therefore, reading is a sociocultural activity. From the traditional educational process of readers’ formation, in this study, I emphasize the importance of reading like a woman, based on Jonathan Culler’s theory (1998), and reading like a lesbian, based on Tania Navarro-Swain (2000), Adrienne Rich (2010) and Monique Wittig (1980). Finally, I propose that the formation of reader should be done grounded on a pedagogical method that encompasses a queer reading. In other words, reading in a queer way is an act of a necessary strangeness, as well as an act of a welcoming dialogue. Thus, queer reading is an act of resistance and alterity, guiding principles in any reading process that intends to be inclusive and democratic.

**Keywords:** reading; queer reading; queer studies.

**Resumén:** Este artículo tiene como objetivo discutir la importancia de la enseñanza/aprendizaje de la lectura como proceso de formación del ciudadano. Entiendo aquí por lectura un proceso comunicacional que va más allá de sólo decodificar signos lingüísticos; es básicamente un diálogo entre voces, y un ejercicio de alteridad. De este modo, leer es una actividad sociocultural. A partir de la tradición educativa de la formación de lectores, en el artículo, resalto aún la importancia de leer como una mujer, a partir de las teorías de Jonathan Culler (1998), y de leer como una lesbiana, a partir de investigaciones de Tania Navarro-Swain (2000), Adrienne Rich (2010) y Monique Wittig (1980). Propongo, por fin, que la formación del lector debe ser hecha a través de una pedagogía que abarque una lectura *queer*. En otras palabras, leer de forma *queer* es un acto de extrañamiento necesario, así como de acogida y de diálogo. Por lo tanto, la lectura *queer* es un acto de resistencia y de alteridad, principios orientadores e inherentes de todo proceso de lectura que se pretenda inclusivo y democrático.

**Palabras clave:** lectura; lectura *queer*; estudios *queer*.

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras – Inglês, graduação em Comunicação Social, mestrado em Letras - Estudos Literários e é doutorando em Letras, todos pela Universidade Federal de Santa Maria. Professor do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac. E-mail: shuauam@gmail.com

Recebido em 17/11/17  
Aceito em 26/03/18

Eu quis cantar uma canção iluminada de sol  
Soltei os panos sobre os mastros no ar e  
Soltei os tigres e os leões nos quintais  
Mas as pessoas na sala de jantar  
São ocupadas em nascer e morrer.

(Os Mutantes – *Panis et circenses*)

## 1. A importância do processo de leitura

Dentre as habilidades que aprendemos durante a vida escolar, a mais importante é a leitura. Todas as disciplinas escolares requerem *interpretação* que, por sua vez, só conseguimos realizar através da leitura. Aqui entendo leitura na mesma linha que Maria Cristina Hoppe e Terezinha Costa-Hubes (2013): não apenas o ato de desvendar determinados códigos linguísticos, mas um processo comunicacional de interpretação e interação, extrapolando a mera linguagem conotativa.

Entender a leitura como interpretação é identificar os signos linguísticos e mediar significados com o texto. Além do mais, as atividades de *pré-leitura* (seleção de conhecimentos prévios para poder adentrar nos textos) e *pós-leitura* (considerações sobre o que foi lido) são constituintes do processo de leitura. Por outro lado, ler também é uma interação e um exercício de alteridade. Ora, a leitura demanda a *escuta* da voz do outro, e demanda também que nos coloquemos no lugar do outro. Assim, ler é dialogar e estabelecer relações socioculturais.

Portanto, o processo de leitura também é de ordem ética e social. A leitura possibilita a construção do estudante como um cidadão, um dos objetivos escolares. No entanto, será que a instituição escolar está, de fato, conseguindo *formar* leitores? A princípio, a resposta seria não, se notarmos a onda de jovens conservadores que não consegue dialogar, ler os sentidos figurados nem entender ironias. Esse mesmo movimento propõe uma educação apartidária. Contudo, tal modelo de educação *tem partido, tem gênero e tem uma ideologia patriarcal* em sua origem.

É evidente que essa onda conservadora preza pela manutenção da assimetria de gênero, em que o ideal homem-branco-cis-heterossexual-cristão prevalece como o principal beneficiário. Boa parte da história literária já tem essa figura em seu imaginário, tanto no autor como no leitor, e até na representação de personagens. Ora, se não houvesse essa disparidade, não poderíamos falar em literatura de autoria feminina, literatura LGBTQIA+<sup>2</sup> ou literatura de

---

<sup>2</sup> Utilizo a sigla LGBTQIA+ para me referir a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais e qualquer pessoa que por ventura não se sente representada pelas outras sete letras (sinal de +).



autoria afrodescendente, por exemplo. Afinal, não é tudo literatura? Desse modo, como podemos implantar um projeto de formação de leitores se ainda estamos muito atrasados em dar voz às minorias e a quem está na margem?

Ainda assim, há quem negue que houve (há) um privilégio da figura masculina branca, cis-, cristã e heterossexual na educação e na tradição literária. Contra tais argumentos, elenco alguns dados: no artigo *Gender in 20th Century Children's Books*, Janice McCaby, Emily Fairchild, Liz Grauerholz, Berenice Pescosolido e Daniel Tope (2001) pesquisaram mais de 5000 livros infantis do século passado e apontaram que em 25% deles não havia personagens mulheres. A famigerada revista *Time* listou, em 2014, os 100 melhores livros infantis de todos os tempos: destes, 53 tinham mulheres que falavam. Em um estudo feito pelo site *SeeJane.org*, só 19,5% das personagens femininas possuem emprego, carreira ou aspirações, enquanto a percentagem masculina é de 80,5%. Tais dados reforçam a premissa que a história da literatura tem gênero, sim. E tanto a produção quanto a recepção literária encontram-se dominadas por esse mesmo gênero. A hegemonia masculina da autoria e do sujeito leitor, de fato, influenciou o silenciamento e a invisibilidade da mulher em boa parte da tradição literária da sociedade ocidental.

Em *Leyendo como una Mujer*, de Jonathan Culler, conseguimos notar a importância e o papel de se considerar a figura de uma leitora mulher nos estudos literários. Culler desenvolve seu texto argumentando que há três níveis de se fazer a leitura como uma mulher. Para cada um deles, podemos dizer que o autor se guia por três perguntas: *o que é ler como uma mulher? Como ler como uma mulher? E, finalmente, por que ler como uma mulher?*

O primeiro nível de leitura parte de uma suposição de que o sujeito leitor tem gênero; ou seja, é um homem. Isso ocasiona uma leitura geralmente construída a partir de experiências masculinas e que, posteriormente, culminarão em uma crítica literária que penderá igualmente para esse lado. Então, o que seria ler como uma mulher? Em um primeiro momento, seria a identificação de experiências de mulheres na literatura, mesmo sob uma ideologia patriarcal. Experiências essas que nos fazem assimilar e questionar preliminarmente a representação de mulheres em uma obra literária. Isso é de extrema importância, pois se formos considerar a tradição literária ocidental (não só a literatura canônica, mas a infantil, por exemplo), a aparição da mulher é escassa. O mesmo ocorre na esfera da crítica literária, posto que, em grande parte, ela se preocupa com personagens masculinos ou usa termos que reforçam a ideologia patriarcal.



Nesse caso, temos a identificação e o questionamento da assimetria e da inverossimilhança de gêneros (e experiências) na produção, representação e recepção literária. Culler afirma, a partir de um viés de experiência literária, que o ato de ler como uma mulher não é o mesmo que acontece quando uma mulher lê: ler como uma mulher é agregar diferentes pontos de vista e diferentes experiências a uma obra. É a reivindicação de um viés contra-hegemônico. Ou seja, como Shoshana Felman (1975) sugere, não basta ser uma mulher para ler como uma mulher. Ler como uma mulher é mudar a compreensão (socialmente) estipulada, e, às vezes, até perpetuada pela crítica.

Se o primeiro nível de leitura feminista era assimilar e criticar a experiência, as ideologias e a representação da mulher na literatura, o segundo nível proposto por Culler surge de outro problema: muitas mulheres não estavam *lendo como uma mulher*. Portanto, conforme o autor, esse segundo nível é um momento de criação de leitores: uma formação tanto de homens quanto de mulheres, capacitando-@s para questionar dogmas literários e políticos que suas leituras compreendem ou em que estão enraizadas. Por isso, associo esse nível às perguntas: “como ler como uma mulher?” e “como ler sem passividade, desvinculando-se da lógica canônica?” O veículo para isso, de acordo com Culler, seria a educação.

Somente dando o devido apoio à educação (principalmente de base), poderíamos desenvolver de forma crítica, desde cedo, leitores e leitoras. A educação possibilita ao mesmo tempo escutar e questionar o outro. Só aprendemos assim. É um dever do educador proporcionar um panorama com múltiplos pontos de vistas, e não só reproduzindo de forma uníssona um discurso de manutenção da ideologia dominante. Obviamente a educação, como sistema, também tem gênero. Para começar a educar novos leitores, então, necessitamos reestruturar vários pilares dessa área. Mesmo assim, a educação pode ser atemporal e ainda é a forma mais eficaz de se promover autonomia, empoderamento e respeito à alteridade. Lutar pela melhoria da educação é lutar por um desenvolvimento de leitura crítica e inclusiva: é promover uma que é, também, uma leitura feminista.

Já o terceiro e último nível de realizar o ato de leitura como uma mulher, por sua vez, refere-se à investigação estrutural e histórica dessa dominação masculina, buscando uma resposta ontológica da perpetuação desse sistema hegemônico e propondo, por fim, mudanças em todos os níveis da literatura (em nível de texto, de produção, de representação e de recepção). E por que, então, ler como uma mulher? A resposta não é óbvia? Desenvolver a criticidade do leitor, questionar paradigmas preestabelecidos na literatura, reivindicar a voz de quem foi silenciado e/ou



marginalizado. Enfim, favorecer uma sociedade que forme leitores mais críticos, conscientes e empáticos. É esse o leitor necessário de quem a sociedade está precisando.

## 2. A subversividade de ser - e ler como – lésbica

Se ler como uma mulher é uma tarefa complexa devido aos entraves culturais, ler como uma lésbica é mais difícil ainda. *O pensamento hétero*, de Monique Wittig, lido pela primeira vez em New York na *Modern Language Association Convention*, em 1978, acaba com uma frase forte e marcante: “as lésbicas não são mulheres” (1980, sem paginação). O conceito de *mulher* e todas suas implicaturas só fazem sentido a partir do paradigma heteronormativo. Assim, ser lésbica é uma atitude subversiva, pois vai contra essa forma de se pensar. Essa ideia já tem quase 40 anos, mas é tão atual que dialoga com os textos de Adrienne Rich (2010), *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, e de Tania Navarro-Swain (2000), *O que é lesbianismo?* Nesse primeiro estudo, Rich rechaça com veemência a posição que a mulher lésbica possui na tradição política. A autora ainda critica alguns estudos feministas que contribuem para a invisibilidade e a marginalidade lésbica. Já o texto da curitibana Navarro-Swain, em um movimento mais historiográfico, mostra com exemplos pontuais desde a Grécia antiga como que a mulher lésbica “nunca existiu”.

O fim da palestra de Wittig assemelha-se à palestra ministrada por J. M. Coetzee em Porto Alegre, em 2010, registrada no livro *Sobre a censura* (2016). O tema da palestra de Coetzee, todavia, era a censura na África do Sul. O escritor encerrou sua fala com uma crítica ao pensamento da sociedade atual: ele disse que agora temos uma censura bem-intencionada vigorando na sociedade, e muitas vezes evitamos pensar em determinados assuntos (ou por serem polêmicos, ou por serem contra uma determinada ordem do sistema). Então, se levarmos em conta que pensar contra a heteronormatividade é difícil, podemos notar que esses resquícios de censura branda ainda existem hoje em dia. Por isso, textos que tratam de temáticas como essa são extremamente importantes no Ensino Básico.

O conceito-chave para relacionarmos os textos de Navarro-Swain, Rich e Wittig é a *heteronormatividade*. Trata-se de uma convenção consolidada há séculos, que defende a heterossexualidade como a “norma”; e tudo o que não se encaixa aqui é condenável. Ao longo da história, meios de comunicação de massa e narrativas míticas reforçam tal paradigma, deixando mais difícil esse embate contra essa norma problemática. As lésbicas, simplesmente por serem lésbicas, foram consideradas outrora doentes passíveis de internação, ou, considerando o que sabemos sobre a Inquisição, foram queimadas em praça pública.



Poderíamos nos perguntar por que pensar em lésbicas apenas e não em lésbicas e gays. Não é a mesma causa sendo reivindicada? De acordo com Rich (2010), não. Na sociedade patriarcal em que vivemos, há uma assimetria nessa lógica binária homem/mulher que pende sempre para o primeiro elemento. Logo, a sociedade parece aceitar com mais facilidade um homem gay do que uma mulher lésbica. É só pensarmos no que implica ser uma lésbica: não depender de homens para se ter prazer. E em uma sociedade como a nossa, isso é visto como uma blasfêmia. As lésbicas, portanto, são deixadas à margem duplamente. De acordo com Rich:

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez (RICH, 2010, p. 36).

Navarro-Swain pensa na mesma linha, chegando mesmo a ser extremista ao afirmar que as lésbicas nunca existiram. Claramente isso é uma metáfora, mas elas não existem no sentido de que o discurso político dominante está exercendo o seu poder ao longo da história e excluindo a voz das lésbicas. A autora menciona ainda as Amazonas, mulheres guerreiras que, entretanto, pouco tiveram abertura na mídia. Qual o interesse disso?

No universo da hegemonia heterossexual, a desordem maior é o desinteresse das mulheres pelos homens. A lógica é: mulheres não podem ser guerreiras, logo, não existiam. As mulheres não podem ser homossexuais, não podem dispensar o masculino de suas vidas cotidianas. Logo, não podem existir. Mesmo na atualidade, quando é inegável a existência de grupos e movimentos lésbicos, a divulgação na mídia é mínima e permanece um halo de silêncio e mistério em torno de suas práticas, ações e reivindicações (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 24).

Outro ponto interessante nessa discussão sobre empoderamento lésbico é que essa marginalização é prejudicial para toda e qualquer mulher. Há vários casos de relacionamentos monogâmicos heterossexuais simétricos, em que ambos os cônjuges dividem tarefas igualmente (ou o mais perto disso). Um relacionamento assim, em nossa sociedade, já é julgado como “uma relação em que a mulher manda e o marido obedece”. Ou seja, onde um relacionamento assimétrico e/ou machista predomina, relacionamentos igualitários são tidos como totalmente opostos a isso. Rich explica que isso é uma consequência do pensamento heteronormativo: muitas mulheres acabam incorporando o discurso machista por conveniência. Além disso, essa forma de pensar parece reprimir o afeto (de qualquer tipo) entre mulheres. Quantas vezes vemos mulheres odiando-se por causa de homens? Isso é típico da heteronormatividade machista, já que a mulher deve estar sempre em função



do homem. E a lésbica, que exclui o homem de sua gama de prazer, não é ouvida. Por isso, Rich sugere que um grande passo para as pesquisas feministas é aceitar a heterossexualidade, bem como qualquer outra orientação afetiva/sexual como preferência, e não como norma. Ser lésbica, ou melhor, parafraseando Simone de Beauvoir, *tornar-se lésbica*, é uma contravenção poderosa.

Ouso dizer que ler é ser. Logo, ler como lésbica é ir contra todo um sistema de pensamento consolidado há anos. Os discursos científicos, inclusive, também são heteronormativos e, às vezes, podem ser tiranos, dificultando o direito de grupos que não se encaixam aqui de criar categorias de análise (basta observar o quão antiquado e de difícil aceitação são os conceitos *gênero* e *sexo*). A luta lésbica, portanto, ao mesmo tempo que é poderosa, é adversa. Antes de lutarem contra um discurso hegemônico, primeiro elas lutam pelo próprio reconhecimento de categorias que a linguagem parece não dar conta. Isso é conveniente apenas para o pensamento heteronormativo, que é totalitário e excludente. Assim, ele simplesmente “finge” que essa categoria nunca existiu. Só a educação afável para nos livrar de uma eterna censura.

### 3. Pedagogia e leitura *queer*: um estranhamento necessário

A palavra *straight*, em inglês, pode significar “correto” ou “na linha”. O mesmo vocábulo é usado para se referir a pessoas heterossexuais. A implicação dessa apropriação gramatical é evidente: ou você é heterossexual e, portanto, *está na linha*, ou você manifesta uma *performance* de gênero diferente dessa e é, desse modo, considerado desviante. Esse exemplo é uma metonímia da heteronormatividade. Muitas relações criadas em diversas áreas do conhecimento (inclusive a própria construção do conhecimento) como a história, a política e a linguagem são realizadas através de um paradigma binário em que a heterossexualidade é reiterada e considerada uma norma a ser seguida. Tais ações de “andar na linha” e de seguir uma norma uniforme lembram muito o estilo militar. Mas, afinal, o exército não seria a instituição mais heteronormativa de nossa sociedade? Com esse gancho, Alós (2011; 2011b; 2015) discute como, de forma pragmática, podemos fugir da lógica heteronormativa tanto na pedagogia como nos estudos literários.

Seus três artigos possuem sua fundamentação teoria baseada nos estudos queer e pesquisas realizadas por Jane Flax, Michael Foucault e Monique Wittig, além da própria Judith Butler. Em *Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão*, Alós (2011) discute como a performatividade de gênero pode ser aplicada no campo pedagógico para romper com práticas educacionais dependentes dessa relação binária de gênero. Já em *Prolegomena queer*:



*gênero e sexualidade nos estudos literários* (2011b) e *Amor em tempos de AIDS: a ficção de Sarah Schulman, Pablo Pérez e Hervé Guibert* (2015), a partir de um apanhado teórico semelhante, o autor investiga, em obras pontuais, como os estudos literários são influenciados pelos estudos queer. Com essas leituras, podemos afirmar que em qualquer campo científico essa “norma”, de fato, existe. Isso não é diferente na área da pedagogia ou dos estudos literários.

Alós argumenta que “a pedagogia se estende muito além das práticas escolares” (ALÓS, 2011, p. 422) e, assim, aprendemos continuamente em situações fora de ambientes exclusivos para a educação, como ao andar na rua, conversar com pessoas, assistir a filmes ou até ler revistas de fofocas. Esse é o mesmo princípio de um processo de leitura. Ler vai muito além do texto. Entretanto, há um perigo intrínseco a esse processo de ensino/aprendizado através do contexto. Muitos veículos de comunicação de massa, e até mesmo alguns professores, são ignorantes ao tratar de temas como sexualidade ou gênero, reforçando ainda mais essa perspectiva heterocêntrica e binária. O autor levanta a questão se essa própria ignorância não seria parte desse tipo de conhecimento. Ora, se a ciência é uma forma de construir conhecimento, ignorar certos temas pode estar agindo em favor de quem geriu tal narrativa científica. Por isso, os estudos queer são considerados, como diz Jane Flax, uma *metateoria*. O feminismo e os estudos queer descontrolam e analisam como pensamos as questões como gênero, sexualidade, corpo e desejo: um sistema que é interligado, embora muitos ignorem ou não vejam essa relação.

Alós, ao analisar assertivas como “homossexualidade é pecado” ou “homossexualidade é uma doença”, defende que, para desconstruir pedagogicamente essa ideia, não basta ir contra essas premissas, mas “considerada a natureza estratégica do discurso homofóbico, é necessária uma analítica que centre suas estratégias não sobre as assertivas, mas sim sobre as estratégias de seu funcionamento” (ALÓS, 2011, p. 439). A teoria queer, como uma metateoria, funciona justamente na base do pensamento. Se a heteronormatividade está presente na formulação de um pensamento, para mudar isso é necessário alterar as bases e as raízes do sistema. Avançando um pouco mais, se a teoria queer é uma metateoria, ela também pode ser aplicada ao processo de leitura, posto que tal processo é conseguido através de teorias de aprendizado.

Sempre me pareceu meio velado o modo como se trata da questão de gêneros *not-straight*. A notória metáfora de “estar no armário” diz bastante acerca de como a sociedade leva em consideração o tema: o armário é um lugar fechado do qual, conforme Alós, é impossível sair. Alós diz que essa metáfora expõe uma terrível realidade: quem é heterossexual não precisa se assumir,



enquanto quem deve “sair” sofre uma certa violência psicológica, pois em um primeiro momento há a insegurança por não pertencer à “norma” e após, tem-se uma exposição dessa pessoa, que passa o resto de sua vida sendo inquirida justamente por não ser heterossexual. Essa lógica heteronormativa, corroborada pela metáfora do armário, é análoga à lógica da censura. Urge, portanto, que se enfrente tal problemática na Educação Básica, em um tempo em que se defende escola sem partidos e sem estudos de gênero.

Se já é assim na educação de base, é provável que essa lógica virá à tona em outros campos do conhecimento. A arte também não está livre da lógica binária heteronormativa. No entanto, como qualquer campo artístico, que é acolhedor, ela está mais suscetível a aberturas e falar sobre o que está por vir. Assim, a arte (e a literatura faz parte dela) já é por si um lugar de resistência porque é um rompimento da linguagem de qualquer natureza (ALÓS, 2015, p. 21). O que acontece é que fatores sociais já pertencentes a esta lógica não podem estar desvinculados da arte.

No que tange à resistência literária, Alós (2011b) menciona o caso do *cyborg* na literatura, a partir da escritora Donna Haraway. O *cyborg* é um ícone de uma discussão pós-gênero e pós-humana e torna-se chave de leitura para a questão da performatividade do gênero. Ele não possui natureza e é uma alternativa, julgo dizer até desconfortável, às políticas atuais. Haraway diz, inclusive, que nós temos os nossos *cyborgs*, fazendo referência a pessoas com junções de máquinas em seus corpos. Tal exemplo reforça o poder que a literatura tem em projetar discussões que estão muito à frente de nosso tempo.

Outra discussão no campo dos estudos literários que Alós (2015) potencializa, só que agora considerando a literatura como denunciadora de problemas sociais do nosso tempo, é sobre a representação e propagação da AIDS. A doença, quando teve seu *boom* na década de 1990, foi relacionada diretamente a todas as performances de gênero que não fossem heterossexuais. O autor cita os autores Sarah Schulman, Pablo Pérez e Hervé Guibert como referências sobre o tema da AIDS. Schulman, como mulher, ainda tem uma importância diferente dos outros dois: a visão que não ecoa versões masculinas sobre o tema. Concluindo, Alós aponta que a literatura, nesse caso, funciona como resistência simbólica e como consolidação de um espírito de época, trazendo à discussão social questões íntimas ou que eram consideradas tabus. Essa função da literatura, podemos considerar como um modo *queer* de produzir conhecimento, porque traz uma lógica diferente daquela que se aprende em diversos contextos: a própria forma de produzir conhecimento se altera, remetendo-nos novamente ao termo *metateoria*.



A teoria queer, que tem como precursoras as filósofas Teresa de Lauretis e Judith Butler, é baseada principalmente neste pensamento: desconstruir uma lógica binária dominante de nossa sociedade ocidental que interfere em qualquer tipo de ciência, desde conceitos como gênero, corpo, sexualidade e desejo, até em relações socioculturais e linguísticas. Interessante notar que na ontologia dos estudos queer está presente a escolha de seu conceito. A palavra queer, que pode significar em inglês esquisito/a, inútil ou não usual, é usada aqui de modo subversivo para mudar nossa perspectiva (e a perspectiva da linguagem). O uso do conceito queer, de forma desconstruída, significa o contrário, provando que mudanças na forma de pensar são necessárias. E como toda mudança de pensamento, temos como princípio a educação.

Mudar nossos princípios cognitivos, ou seja, aprender a sermos leitores críticos, é um ato de resistência. Se continuarmos inertes, provavelmente acabaremos iguais à exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul: cancelada prematuramente em setembro de 2017, após protestos na instituição (Espaço Santander Cultural) e em redes sociais. A mostra tinha a curadoria de Gaudêncio Fidelis e reunia 270 obras de 85 artistas. Todas elas abordavam temáticas de expressão de gênero ou diversidade sexual. Porém, para os manifestantes “a mostra fazia apologia à pedofilia e zoofilia, além de ser ofensiva à moral cristã” (MENDONÇA, 2017, sem paginação).

Atitudes como essa reiteram que vivemos tempos sombrios, que censuram o poder transgressor e transformador da arte e da leitura. Provavelmente esses manifestantes não leram devidamente as obras expostas, restringindo-se à leitura literal. Eis uma prova que a educação e a leitura são fulcrais em nossa sociedade para evitar retaliações gratuitas. Quanto mais leitores críticos, mais liberdade artística e de expressão teremos.

O que a sociedade precisa formar são *leitores capazes de ler figurativamente*. Toda a leitura implica uma leitura artística, metafórica e figurada. O caso do cancelamento do *Queermuseu* é uma alegoria de quem não consegue realizar uma leitura artística. Para esses manifestantes, a verdade na arte é única e imposta por uma ideologia hegemônica. Formar leitores como aqueles que protestaram contra a exposição *Queermuseu* é alinhar-se a regimes totalitários como o nazismo ou o fascismo.

Talvez uma solução para o problema da formação de leitores seria propor uma educação que contemplasse uma leitura queer, uma leitura de alteridade. A leitura por si só já é queer, no sentido de ser um processo dialógico que acolhe as diferenças e é inerentemente subversivo. Ler deve ir além



dos signos linguísticos: é um jogo de inferências, é diálogo, é ser polivalente e, principalmente, ético. Então, para quem importa o ensino de um processo de leitura conservador e retrocedente?

## Referências

- ALÓS, Anselmo Peres. Amor em tempos de AIDS: a ficção de Sarah Schulman, Pablo Pérez e Hervé Guibert. *Revista Todas as Letras*, v. 17, p. 18-28, 2015.
- \_\_\_\_\_. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 421-449, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Prolegomena queer: gênero e sexualidade nos estudos literários*. *Caderno de Letras da UFF*, v. 42, p. 199-217, 2011b.
- COETZEE, John Maxwell. *Sobre a censura*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016.
- CULLER, Jonathan. Leyendo como una mujer. In: \_\_\_\_\_. *Sobre la desconstrucción*. Madrid: Cátedra, 1998. p. 43-60
- FELMAN, Shoshana. Women and Madness: The Critical Phallacy. *Diacritics*, v. 5, n. 4, 1975, p. 2-10.
- HOPPE, Marcia Cristina; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. Concepções de leitura na educação básica e sua relação com a Prova Brasil. In: *XI Jornada do HISTEDBR*, 2013, Cascavel-PR. *Anais*, 2013. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/7/artigo\\_simposio\\_7\\_1036\\_inter\\_marcia@hotmail.com.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/7/artigo_simposio_7_1036_inter_marcia@hotmail.com.pdf)>. Acesso em: 11 de novembro de 2017.
- MARTÍN, María. 08 de outubro de 2017. *Se não reagirmos, em seis meses a criminalização da arte terá sido consolidada*. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/08/cultura/1507414558\\_523035.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/08/cultura/1507414558_523035.html)>. Acesso em: 13 de novembro de 2017.
- MCCABE, Janice. *et al.* Gender in twentieth-century children's books: patterns of disparity in titles and central characters. *Gender & Society*. Ed. 25, v. 2, 2011, p. 197-226.
- MENDONÇA, Heloísa. 13 de setembro de 2017. *Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo*. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html)>. Acesso em: 13 de novembro de 2017.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. *O que é o lesbianismo?* São Paulo: Brasiliense, 2000.
- O GLOBO. 03 de outubro de 2017. *Censurada em Porto Alegre, mostra 'Queermuseu' será exibida no Rio*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/censurada-em-porto-alegre-mostra-queermuseu-sera-exibida-no-rio-21862328>>. Acesso em: 13 de novembro de 2017.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, Natal (UFRN), n. 5, 2010, p. 17-44.
- WITTIG, Monique. O pensamento hétero (1980). Disponível em: <<http://mulheresrebelde.blogspot.com.br/2010/07/sempr-viva-wittig.html>>. Acesso em: 13 de maio de 2017.

